

PERDOAR INCONDICIONALMENTE

Uma leitura bíblico-filosófica sobre o perdão

SUSANA DE SOUSA VILAS BOAS



PAULUS

PREFÁCIO

“Perdoar sem condições – sem cálculos!”. Eis um possível resumo do Evangelho. Ou então, visto por outra perspectiva: “Ser perdoado sem condições – sem mérito!”. Em realidade, talvez as duas perspectivas não passem de duas faces da mesma moeda, precisamente a moeda do perdão – ou da dádiva, sem moedas... – como fundamento e textura da vida, de todas as dimensões da vida, mesmo da vida eterna.

Ora, como bem sabemos, o Evangelho é, aqui como em muitos outros aspectos, excessivo. E isso levanta, como seria de esperar, muitas questões – não apenas teóricas – aos humanos que somos nós, no quotidiano das nossas condições. Podemos então considerar o perdão como algo verdadeiramente incondicional? Em que sentido? E se não, tratar-se-á ainda de perdão? Não seria apenas desculpa, ou esquecimento? Existe o imperdoável, a colocar condições ao perdão e, desse modo, a anular a sua possibilidade?

Paul Ricœur e Jacques Derrida foram dois dos filósofos do século xx que, na sequência de Jankélévitch e de Hannah Arendt, abordaram de forma explícita as

perplexidades do perdão, ainda que de forma bem diferente. O presente estudo de Susana Vilas Boas procura pensar os desafios lançados pela Escritura, no contexto do nosso tempo, precisamente em diálogo com propostas da filosofia, concretamente por parte dos autores referidos. A partir desse diálogo, chega a conclusões teológica e humanamente importantes – aliás, provavelmente, algo só será teologicamente importante se o for humanamente, e vice-versa.

Trata-se de um estudo académico, é certo, mas vai mais longe. Do ponto de vista académico, trata de forma adequada o contributo dos autores em estudo, enquadrando-os muito bem na problemática que desenvolvem, interpretando-os adequadamente e colocando-lhes questões pertinentes. Serve, pois, para o leitor tomar conhecimento do respetivo significativo e instigante contributo para a reflexão sobre a questão do perdão.

Mas o texto que agora chega ao leitor tem uma envergadura existencial que supera de longe o âmbito estritamente académico. De facto, a questão do perdão é uma das mais sensíveis que conhecemos. E é-o, antes de tudo, do ponto de vista antropológico, pois envolve elementos profundos na vida de cada um: culpa, ofensa, memória, reconhecimento, esquecimento, amor... A complexidade da existência transfere-se para a complexidade de uma atitude que é tudo menos evidente.

Que significa perdoar? Podemos e devemos perdoar tudo? Que implica aceitar ser perdoado? Que merecemos nós afinal?

As questões tornam-se ainda mais incisivas quando atingem uma dimensão comunitária: podemos nós perdoar pelos outros – ou aceitar ser perdoados em vez de outros? Como devemos relacionar-nos com a história passada comum a um grupo ou mesmo à humanidade inteira?

Todos estes são tópicos de uma antropologia e mesmo de uma política do perdão, que estão na base do pensamento de Ricœur e de Derrida. Mas, até pelo seu significado especial na prática quotidiana de Jesus, todos eles podem ser relidos teologicamente, colocando a dinâmica humana do perdão num horizonte diferente, mas nem por isso menos humano. A proposta, de facto, vai no sentido de que a dimensão teológica do perdão aprofunde – e de modo nenhum anule – o significado da prática quotidiana do perdão inter-humano. É esse, de facto, o grande objetivo do presente volume.

Prof. Doutor João Manuel Duque